

Musicalização e interações sociais na educação infantil: um olhar Vigotskiano

Comunicação

GTE08 – Educação Musical na Infância

Sarah Vitor Pontes
Universidade Estadual de Campinas
s193342@dac.unicamp.br

Silvia Cordeiro Nassif
Universidade Estadual de Campinas
scnassif@unicamp.br

Resumo: Esta pesquisa, parte de um projeto de mestrado, investiga como a musicalização infantil pode potencializar as interações sociais em crianças de 3 a 5 anos, utilizando práticas musicais coletivas, fundamentando-se na teoria histórico-cultural de Vigotski. Realizada na Divisão de Educação Infantil e Complementar de uma universidade, o estudo analisa de que maneira as atividades musicais influenciam as dinâmicas sociais e, simultaneamente, como essas interações impactam a produção musical das crianças. A metodologia adotada combina pesquisa de campo e observação participante, com análise qualitativa dos dados coletados. Os resultados preliminares indicam que a musicalização planejada e mediada intencionalmente estimula a criatividade, a integração social e o desenvolvimento da linguagem, evidenciando o papel da música como instrumento mediador no processo educativo. A pesquisa reforça a importância de um ambiente educativo enriquecido, que permita a livre expressão e criação musical das crianças, valorizando a mediação do professor e a colaboração entre os sujeitos.

Palavras-chave: Musicalização infantil. Interação social. Psicologia histórico-cultural.

Introdução

A educação musical tem se transformado em um campo cada vez mais interdisciplinar, dialogando com áreas como a psicologia, a sociologia e a pedagogia para compreender seu papel no desenvolvimento humano. Neste estudo (recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento), busca-se investigar como as práticas musicais coletivas influenciam e contribuem para diferentes formas de interação social, além de analisar como esses processos interativos impactam o próprio fazer musical. Partimos do entendimento de que a interação

social não se limita à comunicação verbal, mas se manifesta também por meio de expressões corporais, gestuais e sonoras, mediadas por ferramentas culturais como a música.

A relação entre atividade musical e interação social, como aponta Ilari (2014), é mais complexa do que frequentemente descrita na literatura, exigindo uma análise aprofundada dos elementos que favorecem interações positivas. Nesse sentido, a musicalização infantil surge como um campo privilegiado para observar essas dinâmicas, uma vez que integra dimensões cognitivas, emocionais e sociais, promovendo a colaboração, a criatividade e a comunicação entre os participantes.

A interação social é bastante discutida na psicologia do desenvolvimento, mas, para esta pesquisa, destacam-se as contribuições de Lev Semenovitch Vigotski, utilizando-se como referência algumas das suas principais obras: **‘A formação social da mente’**¹ (2007), **‘A construção do pensamento e da linguagem’** (2009), **‘Sete aulas de Vigotski’**: sobre os fundamentos da pedagogia (2018), **Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L. S. Vigotski.**(2021), que constituem referências importantes da psicologia histórico-cultural. Segundo sua abordagem, o desenvolvimento infantil se constitui por meio das múltiplas interações que a criança estabelece com diferentes ambientes – físicos e sociais – em cada etapa de sua formação. Como ressalta Nassif (2016), Vigotski atribuiu ao ambiente um papel determinante nesse processo, enfatizando que a evolução das capacidades infantis está diretamente ligada à qualidade e à diversidade dessas interações. Ou seja, para entender como uma criança se desenvolve, precisamos observar como ela interage com o mundo à sua volta. Pela perspectiva histórico-cultural, esse desenvolvimento não é linear, ele acontece na troca constante entre o que é biológico (o corpo, a maturação), o social (as relações com os outros), o cultural (os significados compartilhados) e o emocional (como a criança vive essas experiências). Como explica o próprio Vigotski:

O meio exerce influência sobre o desenvolvimento da criança de forma distinta, em idades diferentes, porque a própria criança se modifica, assim como se altera sua relação com a situação. Como já dissemos, o meio exerce

¹ Embora esse livro seja um compilado das ideias do autor e não propriamente uma obra de Vigotski e já existam traduções para o português diretamente do russo mais atuais, alguns tópicos estudados não foram encontrados nessas novas traduções. Optamos, portanto, por manter o livro como referência, fazendo, sempre que possível o cotejamento com outras obras.

influência pela vivência da criança, ou seja, dependendo de como ela elaborou internamente sua relação com determinado momento ou situação. O meio define o desenvolvimento da criança dependendo do grau de sentido que ela atribui a ele. Poderíamos apresentar, ainda, uma série de momentos que demonstram, decididamente, que qualquer aspecto do desenvolvimento determinará a maneira como este será influenciado pelo meio, ou seja, permanecerá no centro a relação do meio com a criança, e não o meio ou a criança isoladamente (Vigotski, 2018, p.83).

Além de Vigotski, esta pesquisa também se apoia em contribuições de educadores musicais como Ilari, Penna e Teca Brito, que destacam a música como ferramenta de interação social. Ilari (2014) mostra que atividades musicais coletivas estimulam empatia e cooperação, enquanto Penna (2005, 2014) enfatiza seu caráter social e cultural. Para a autora, a música é um fenômeno eminentemente coletivo e relacional, e o ensino musical deve buscar promover experiências que valorizem a escuta, o diálogo e a participação ativa dos alunos nos processos de criação e apreciação musical. Já Teca Brito (2003) defende a musicalização como espaço de trocas, vivências e construção de saberes, promovendo o pertencimento ao grupo e à cultura. Juntas, essas autoras reforçam que a música na escola vai além do ensino técnico, é um meio de construir vínculos, identidades e habilidades sociais. Diante desse entendimento, o ambiente coletivo das práticas musicais oferece um terreno fértil para que ocorram interações sociais significativas, nas quais as crianças não só aprendem aspectos musicais, mas também modos de ser, conviver e participar do mundo.

Metodologia

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, está sendo desenvolvida em um contexto de educação infantil e adota a observação participante como principal estratégia metodológica. O estudo foi realizado na Divisão de Educação Infantil e Complementar de uma universidade pública, espaço socioeducativo que atende filhos de servidores e de estudantes da universidade. Participaram desta pesquisa crianças entre dois e cinco anos. A escolha dessa faixa etária se justifica pelo potencial crucial deste período no estabelecimento de bases sólidas para o crescimento social e cognitivo. Nesse estágio inicial da vida, as crianças estão em um momento sensível para a absorção de estímulos, aprendizado e formação de conexões neurais.

As atividades de musicalização ocorreram semanalmente ao longo de um semestre letivo, com duração de 30 minutos cada aula. Realizaram-se nove encontros registrados sistematicamente em um diário de campo. O planejamento das aulas foi intencionalmente elaborado para promover interações sociais, expressão criativa e desenvolvimento musical, utilizando recursos como instrumentos de pequena percussão (pandeiros, tambores, chocalhos), cantigas populares e dinâmicas de movimento corporal.

A escolha pela observação participante justifica-se por sua capacidade de captar nuances do comportamento infantil que outros métodos poderiam negligenciar, como reações emocionais espontâneas, estratégias de mediação entre pares e processos emergentes de cooperação. Nesse mesmo sentido, Lüdke e André ressaltam que:

A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular (Lüdke; André, 1986, p.26).

Como destaca Minayo (2002), essa abordagem permite não apenas aproximar-se do fenômeno estudado, mas construir conhecimento a partir da realidade observada no campo. As anotações no diário de campo incluíram descrições detalhadas das interações, comportamentos individuais e coletivos, além de reflexões sobre as estratégias pedagógicas empregadas.

Do ponto de vista ético, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição², com a obtenção prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis. Para preservar a identidade dos participantes, foram adotados pseudônimos em todos os registros e análises.

A análise dos dados ancora-se na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, que compreende o desenvolvimento humano como processo mediado social e culturalmente. Vale ressaltar que os dados coletados encontram-se em fase inicial de análise, com foco especial nas dinâmicas interacionais mediadas pelas atividades musicais coletivas.

² CAAE: 78063024.9.0000.8142

Análise Preliminar: Destaques do Diário de Campo

A partir das observações registradas no diário de campo bem como de algumas premissas teóricas, emergiram seis categorias centrais (que surgiram tanto dos dados quanto do referencial; algumas foram criadas a posteriori, e outras já estavam previstas) que orientam as análises da pesquisa, aprofundando a compreensão sobre o papel das oficinas de musicalização nas interações sociais: (1) Música como construção de ferramenta cultural; (2) Mediação docente e Zona do desenvolvimento iminente; (3) Expressão individual e superação de desafios; (4) Interação social e criação de significados; (5) Processo de inclusão e respeito às diferenças; (6) Desenvolvimento dos processos musicais.³

Quadro 1: Categorias de análise

Categorias	Objetivo de análise
Música como construção de ferramenta cultural	Analisar como instrumentos, canções e práticas musicais atuam como mediadores culturais.
Mediação docente e Zona do Desenvolvimento Iminente	Investigar como o professor pode facilitar avanços nas habilidades musicais das crianças.
Expressão individual e superação de desafios	Compreender como as crianças internalizam recursos musicais para superar limitações.
Interação social e criação de significados;	Explorar como as crianças negociam sentidos musicais coletivamente.
Processo de inclusão e respeito às diferenças	Examinar como a música promove o acolhimento de crianças com necessidades específicas e identidades diversas.
Desenvolvimento dos processos musicais	Analisar de que forma as crianças desenvolvem atenção e escuta musical, experimentação sonora, ampliação do repertório, prazer e engajamento musical.

Neste trabalho essas categorias serão discutidas de modo sintético e integrado através da apresentação de alguns excertos do diário, evidenciando algumas interações sociais que

³ Vale destacar que o desenvolvimento musical pode aparecer de forma transversal às outras categorias, já que não se separa das interações sociais vivenciadas pelas crianças.

mais chamaram a atenção durante as observações, recorte inicial dos registros do diário de campo, com o objetivo de compartilhar os primeiros achados observados durante as intervenções de musicalização. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os dados coletados até o momento já revelam padrões interessantes nas interações sociais mediadas pela música.

Durante o semestre, um dos padrões mais consistentes observados foi a predominância inicial de comportamentos tímidos e retraídos entre as crianças. Durante as primeiras atividades, muitas crianças demonstraram relutância em participar ativamente, especialmente em situações que requeriam exposição individual. O aluno Lucas⁴, por exemplo:

“se escondeu no colo da professora com vergonha, quando chegou sua vez de dizer o próprio nome”

(19/09/2024 - Turma da praia)

De forma semelhante:

“metade da turma não quis falar o próprio nome durante a atividade A Canoa Virou”

(19/09/2024 - Turma da praia)

Porém, o diário revela um processo gradual de desinibição ao longo do semestre. As

“facilitando o processo de desinibição, superando a timidez que os alunos estavam no início do semestre”.

(05/12/2024 - Turma da bicharada)

atividades de movimento corporal emergiram como catalisadoras deste processo.

⁴ Todos os nomes próprios utilizados neste trabalho são pseudônimos, adotados para preservar a identidade dos participantes.

Especialmente significativo foi o relato sobre as atividades escolhidas como favoritas pelas crianças - "comidas brasileiras" e "Viro, vira, virou" - que curiosamente foram as que, no começo, eles sentiam mais vergonha em fazer/falar.

As observações também revelaram alguns desafios consistentes relacionados ao compartilhamento de instrumentos musicais e ao seguimento de regras. Na primeira entrada registrou-se que:

“a maioria das crianças tomava o instrumento da mão do outro um pouco antes da música acabar, outras tomavam porque o amigo da vez não deu por livre e espontânea vontade”

(23/08/2024 - Turma da formiga)

Durante a atividade com pandeiros, *“poucas crianças passaram para os amigos espontaneamente”*.

Este padrão de dificuldade em aguardar a vez e compartilhar instrumentos musicais persistiu em várias atividades subsequentes.

As atividades que envolviam passar um objeto para o colega ao lado também se revelaram desafiadoras. Durante a atividade de ‘passar o copo’, observou-se que algumas crianças (2 ou 3) estavam passando para o lado errado e que:

“Algumas crianças (2 ou 3) estavam passando para o lado errado. Os colegas que já sabiam e faziam com mais facilidade, não tiveram muita paciência com os que estavam errando, principalmente com o aluno Daniel”

(10/10/2024 - Turma da bicharada)

Estes episódios evidenciam não apenas dificuldades motoras e de orientação espacial, mas também tensões sociais que se manifestaram entre as crianças com diferentes níveis de desenvolvimento.

O diário também documenta a participação de alguns alunos neurodivergentes, quando precisaram ser adotadas algumas estratégias para incluir o aluno nas aulas. Um caso importante documentado foi o do aluno Davi, que apresentou alguns padrões complexos de comportamento ao longo do semestre inicialmente caracterizado por comportamentos disruptivos.

“No início da aula, o aluno (Davi) não quis sentar na roda, como de costume. Pegou um tambor de brinquedo que fica exposto na prateleira e começou a tocar forte”
(10/10/2024 - Turma da bicharada)

O aluno, com a ajuda dos professores, foi desenvolvendo gradualmente formas de participar das atividades. Um momento particularmente revelador ocorreu quando ele verbalizou desconforto auditivo durante uma atividade com vários instrumentos, *“fazendo movimento tampando os ouvidos”* e pedindo para *“todos pararem de tocar”*. Quando o aluno demonstrou sensibilidade auditiva, a professora *“parou a atividade e perguntou para a turma o que poderia ser feito para ajudar o amigo”*, resultando em sugestões colaborativas das próprias crianças. Esta abordagem não apenas resolveu o problema imediato, mas também promoveu empatia e pensamento colaborativo no grupo.

O diário também apontou que as crianças têm um maior interesse quando estão manuseando um instrumento musical. Esta observação foi particularmente evidente no caso de um aluno que,

“Em todas as aulas fica em pé, mexendo nos instrumentos, e nunca havia sentado na roda.”
(12/09/2024 - Turma da bicharada)

mas que:

“Com essa atividade pela primeira vez ele sentou e tocou juntamente com seus colegas durante toda a atividade, o instrumento que ele escolheu foi o tambor.”
(12/09/2024 - Turma da bicharada)

As atividades rítmicas com clavas demonstraram a capacidade de aprendizagem rápida das crianças quando os professores serviam de modelos. Inicialmente com dificuldades, por ser uma das primeiras vezes realizando aquela atividade, apesar da professora demonstrar e fazer junto com a turma, algumas crianças faziam células diferentes e batiam em momentos distintos em relação à turma, porém:

“Depois que a professora começou a falar sílabas para cada batida,

Tá= bate no meio

Tum= bate no chão

Ti= bate em cima

eles entenderam de prontidão e conseguiram fazer.”

(17/10/2024 - Turma da caixa)

As observações sugerem que as crianças desenvolvem uma compreensão gradual, tanto das estruturas musicais quanto das dinâmicas sociais das atividades. Outro caso que ilustra esse processo é o do aluno Tales, inicialmente relutante em *“dar as mãos para o colega do lado”* durante a atividade ‘Dois patinhos na lagoa’⁵. Após repetir duas vezes a atividade *“pegou na mão do amigo sem a intervenção de nenhum dos professores”*, depois de observar como *“os colegas se divertiram fazendo essa quebra da corrente”*. Ou seja, esse caso exemplifica que a observação e experimentação levam à apropriação da autonomia das regras sociais mediada pela música.

Em síntese, as observações coletivas revelam tendências consistentes no desenvolvimento de interações entre os alunos nas atividades mediadas pela música. As atividades que inicialmente geravam maior resistência, após algumas vezes praticando se

⁵ Nessa atividade, as crianças e o educador sentavam-se em círculo, de mãos dadas, enquanto cantavam a música juntos. Em determinado trecho da canção - que diz *“puxar pra lá, puxar pra cá, cuidado que a corrente vai arrebentar”* - o grupo realizava movimentos coordenados: primeiro puxavam as mãos para o lado direito, depois para o esquerdo, sempre mantendo a roda unida. Quando chegavam na parte final (*“a corrente vai arrebentar”*), todos erguiam os braços simultaneamente e soltavam as mãos, dramatizando o rompimento da corrente de forma lúdica. A atividade sempre gerava grande entusiasmo e participação ativa das crianças, especialmente no momento culminante de *“arrebentar”* a corrente.

transformaram nas favoritas das crianças, indicando que a superação dos desafios sociais pode contribuir para o domínio das capacidades e prazer nas atividades musicais.

Discussão

As análises preliminares das oficinas de musicalização revelam um cenário rico em nuances, no qual a música se consolida como potente ferramenta de mediação cultural e social. Observou-se que as crianças, em seu processo de adaptação ao contexto coletivo, apresentaram inicialmente comportamentos de timidez e retração, característicos de situações novas, que foram gradualmente sendo superados por meio das atividades musicais propostas.

Essa trajetória de desenvolvimento apoia-se na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, que compreende o aprendizado como um processo socialmente mediado. A música, neste contexto, configura-se como um instrumento cultural capaz de promover avanços nas interações sociais, servindo como ponte entre o indivíduo e o grupo.

A música, ao assumir esse papel de instrumento cultural - vivenciada como prática coletiva - permite à criança apropriar-se de novas formas de expressão e de interação. Vigotski ressalta que o meio exerce influência pela vivência da criança, ou seja, dependendo de como ela elaborou internamente sua relação com determinado momento ou situação (Vigotski, 2018, p. 83). Assim, as oficinas de musicalização tornam-se espaços privilegiados para a criação de sentidos, onde o compartilhamento de instrumentos, o respeito e a colaboração são aprendidos na prática, muitas vezes em meio a conflitos e negociações.

A mediação do professor, especialmente no contexto da Zona de Desenvolvimento Iminente⁶, mostrou-se fundamental para que as crianças avançassem em suas habilidades musicais e sociais. A atuação do professor, ao modelar comportamentos, propor soluções coletivas para desafios (como no caso do aluno com sensibilidade auditiva) e incentivar a autonomia, mostra a importância da intervenção intencional para a promoção de avanços

⁶ A Zona de Desenvolvimento iminente, conforme destacado por Vigotski, compreende a distância entre o nível de desenvolvimento atual da criança, que abrange suas funções já consolidadas, e o nível de desenvolvimento iminente, que se refere aos processos ainda em amadurecimento, mas que estão em vias de se concretizar. Essa zona representa o potencial de aprendizado que pode ser alcançado por meio da mediação social, seja por um adulto ou por pares mais experientes. (Vigotski, 2021, p. 149-151)

qualitativos no grupo, evidenciando o potencial transformador da mediação sensível e planejada.

Outro ponto relevante refere-se à inclusão e ao respeito às diferenças. Os registros de alunos neurodivergentes, que demandaram adaptações e estratégias específicas, reforçam a necessidade de práticas pedagógicas flexíveis e acolhedoras. Silvia Nassif contribui para essa discussão ao afirmar que “as funções psicológicas complexas tipicamente humanas só se desenvolvem a partir da inserção do indivíduo em um grupo cultural, de tal modo que as suas possibilidades ou impossibilidades de desenvolvimento serão profundamente afetadas pelas práticas culturais específicas às quais o indivíduo tem acesso” (Nassif, 2022, p. 381-382). A musicalização, nesse contexto, revela-se um espaço fértil para a construção de pertencimento e valorização da diversidade.

A observação de que as atividades inicialmente mais desafiadoras tornaram-se as favoritas das crianças aponta para a importância da persistência e da repetição na superação dos obstáculos sociais e emocionais. Nassif destaca que:

Estando o desenvolvimento da criança totalmente atrelado às relações que ela estabelece com os diferentes meios, e sendo estes, por sua vez, circunscritores de possibilidades interacionais, pode-se dizer que da especificidade dessas relações interativas depende a aquisição e desenvolvimento (ou não) de determinadas funções psicológicas. Assim, por exemplo, uma criança oriunda de um ambiente no qual a música é um valor importante terá maiores chances de se desenvolver musicalmente (Nassif, 2016, p. 123-124).

Ou seja, é no enfrentamento dos desafios do convívio e da colaboração que as crianças ampliam suas competências, tanto musicais quanto relacionais.

Por fim, os dados sugerem que o desenvolvimento musical não ocorre dissociado do desenvolvimento social e emocional. A atenção, a escuta, o prazer e o engajamento musical emergem de processos interativos, onde cada criança, enquanto aprende, também ajuda a transformar o ambiente ao seu redor. O desafio para futuras etapas da pesquisa é aprofundar a análise dessas dinâmicas, atentando para os fatores que potencializam a inclusão, a autonomia e a criatividade, bem como para as barreiras que ainda persistem nas práticas coletivas.

Considerações finais

Com base nos resultados preliminares desta pesquisa, fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, há indícios de que as oficinas de musicalização desempenham um papel relevante no desenvolvimento integral das crianças, especialmente no que tange às interações sociais e à expressão individual. As atividades coletivas de música, que envolvem cantigas, movimentos corporais e o uso de instrumentos, criam um ambiente favorável para a construção de vínculos afetivos, o fortalecimento da autonomia e a superação de desafios emocionais, aspectos que se mostram essenciais para o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

Vale ressaltar que os benefícios dessas atividades musicais não acontecem de forma independente, mas sim em constante interação com a realidade social e cultural das crianças - suas vivências em família, na escola e em outros espaços que frequentam. Nesse processo, o papel do professor se mostra fundamental: ao planejar atividades cuidadosas e atentas às necessidades do grupo, ele guia as crianças tanto na aprendizagem musical quanto na criação compartilhada de conhecimentos e experiências.

Além disso, a musicalização se revela como uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e o respeito às diferenças, ampliando as possibilidades de participação e engajamento de crianças com distintas necessidades e trajetórias. A repetição com variação, o estímulo à experimentação e o cuidado com a escuta e o prazer musical contribuem para que as crianças desenvolvam não apenas competências técnicas, mas também habilidades socioemocionais e cognitivas essenciais para sua formação.

Por fim, reconhece-se que, apesar dos avanços observados, a realidade das escolas públicas ainda apresenta desafios estruturais e institucionais que dificultam a implementação da educação musical. A pesquisa reforça a necessidade de valorização da música nas escolas, investimento em formação continuada para os educadores e políticas públicas que garantam o acesso universal a práticas musicais significativas. Assim, as oficinas de musicalização podem se consolidar como espaços de aprendizagem integral, capazes de promover o desenvolvimento humano de forma acolhedora, inclusiva e transformadora.

Referências

BRITO, Teca Alencar. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. Editora Peirópolis, 2003.

ILARI, Beatriz. *Música, empatia e comportamentos pró-sociais em crianças*. Anais do SIMPOM, n. 3, 2014. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/4479/4051>

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASSIF, Silvia Cordeiro. Música, educação e desenvolvimento infantil: em foco as relações com o meio. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (org.). *Música, filosofia e educação*, v. 2. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. p. 121-129. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331238265_MUSICA_EDUCACAO_E_DESENVOLVIMENTO_INFANTIL_EM_FOCO_AS_RELACOES_COM_O_MEIO

NASSIF, Silvia Cordeiro. *Educação musical de crianças pequenas: alguns fundamentos para a apropriação de materiais pedagógicos disponíveis na internet*. Revista Educação e Linguagens, v. 11, n. 22, p. 379-402, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeduclings/article/view/5260/5140>

PENNA, Maura. *Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade*. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 13, p. 7-16, set. 2005. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/320/250>

PENNA, Maura et al. *Educação musical com função social: qualquer prática vale?* Revista da ABEM, v. 20, n. 27, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/161/96>

VIGOTSKI, Lev S. *Formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L. S. Vigotski*. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021.